

# ESTUDO DAS VARIANTES DO ROMANCE “A INTRUSA”, DE JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Iara Lopes Maiolini (UFMT)

[iara.maiolini@ufmt.br](mailto:iara.maiolini@ufmt.br)

Carolina Akie Ochiai Seixas Lima (UFMT)

[carolina.lima@ufmt.br](mailto:carolina.lima@ufmt.br)

## RESUMO

Nesse texto, serão apresentados dados preliminares, uma vez que a pesquisa de Doutorado se encontra em andamento. Tendo como base teórico-metodológica a Crítica Textual, o objetivo é apresentar os tipos de variantes encontradas em testemunhos cotados da obra “A intrusa”, da escritora Júlia Lopes de Almeida; escritora essa que foi apagada do cânone literário brasileiro. Assim, pretende-se mostrar as alterações e mudanças que ocorreram ao longo da transmissão do romance supracitado, portanto, explicitar e demonstrar os tipos de variantes encontradas nas lições do referido texto literário. Para a coleta de dados foram/estão sendo utilizados os seguintes testemunhos, notadamente: *editio princeps* publicada pela Francisco Alves, de 1908 (testemunho A); edição de 1935, pela editora Livraria Simões Lopes (testemunho B); edição de 2016, pelo editor Valter R. Cyrino (testemunho C); 1ª edição de 2016, pela editora Pedrazul (testemunho D); edição de 2019, pela Principis (testemunho E); e a edição de 2023, pela Brasiliaris (testemunho F).

Palavras-chave:

Variantes. Crítica Textual. Júlia Lopes de Almeida.

## ABSTRACT

This paper presents preliminary findings, as the doctoral research is currently in progress. Grounded in textual criticism as its theoretical-methodological framework, it aims to present the types of variants identified across collated witnesses of the novel “A intrusa” by Júlia Lopes de Almeida – a writer long erased from the Brazilian literary canon. The study seeks to trace the alterations and changes that occurred throughout the transmission of the aforementioned novel, explicitly describing and illustrating the categories of variants found in the text’s readings. For data collection, the following witnesses have been/are being used, namely: the *editio princeps* published by Francisco Alves in 1908 (A); the 1935 edition by Livraria Simões Lopes (B); the 2016 edition edited by Valter R. Cyrino (C); the first 2016 edition by Pedrazul (D); the 2019 edition by Principis (E); and the 2023 edition by Brasiliaris (F).

Keywords:

Variants. Textual Criticism. Júlia Lopes de Almeida.

## 1. Introdução

Este estudo é parte da pesquisa de doutorado em andamento, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPE-

GEL/UFMT), vinculado ao grupo de pesquisa FOLIUM (Filologia e História), e cujo objetivo principal é apresentar uma edição crítica da obra *A intrusa* (1908), de Júlia Lopes de Almeida. Contudo, nessa comunicação, serão apresentados dados preliminares, uma vez que a pesquisa se encontra em andamento, como dito acima. Assim, será feita uma breve apresentação da obra e da vida da autora supracitada; no segundo momento, apresentaremos os lugares-críticos das lições, isto é, algumas variantes e seus tipos encontrados nos testemunhos confrontados (A e B; A e C; e A e D, em andamento), até o momento. Para a coleta de dados foram/estão sendo utilizados os seguintes testemunhos, notadamente: *editio princeps* publicada pela Francisco Alves, de 1908 (testemunho A); edição de 1935, pela editora Livraria Simões Lopes (testemunho B); edição de 2016, pelo editor Valter R. Cyrino (testemunho C); 1ª edição de 2016, pela editora Pedrazul (D); edição de 2019, pela Principis (E); e a edição de 2023, pela Brasilaris (F).

Para tanto, usaremos como arcabouço teórico-metodológico a Crítica Textual (Cambráia, 2005; Spaggiari; Perugi, 2004) a qual argumenta que a contribuição mais importante desta é a recuperação do patrimônio cultural escrito de determinada cultura, língua, povo. Para as questões alinhadas a literatura de autoria feminina e o apagamento de escritoras brasileiras pela história e o cânone literário usaremos as pesquisadoras: Zahidé Lupinacci Muzart (1995), Luiza Lobo (2006), Viviane Arena Figueiredo (2014), dentre outras. Assim, concordamos com Lobo (2006) quando assevera que a omissão de Júlia Lopes pelos historiadores e críticos literários só pode ser explicada pelo fato de a autora carioca ser mulher, evidenciando, portanto, ser questões de gênero, por razões misóginas, portanto.

Por meio da análise preliminar comparativa dos testemunhos supracitados, à luz da Crítica Textual, identificamos vários tipos de variantes (adição, omissão, alteração de ordem, substituição, reelaboração, junção), ou seja, mudanças ocorreram ao longo da transmissão do romance “*A intrusa*”.

## **2. *Júlia Lopes de Almeida e o romance “A intrusa”***

Júlia Lopes de Almeida ou Dona Júlia, como era mais conhecida socialmente, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1862 e faleceu, em 1934, na mesma cidade. Deixou uma obra vastíssima, a qual vai desde romances, crônicas, contos até literatura infantil, peças de teatro, apontamentos histórico-geográficos e conferências. Foi uma mulher além do seu tempo, visto que tinha ideais abolicionistas, (pré)-feminista (ou um feminismo possível, como coloca De Luca (1999)) e defensora do direito das mulheres à educação, à sua inserção no mercado de trabalho, ao divórcio e ao voto.

Tais posicionamentos críticos são evidenciados em suas obras, por exemplo, em “A família Medeiros” (publicado pela primeira vez em folhetim em 1891) a autora faz uma crítica realista ao sistema escravagista e ao patriarcado vigente à época; também em “Memórias de Marta” (publicada pela primeira vez em folhetim em 1899) temos a história de uma mãe viúva que precisa trabalhar como passadeira de roupas para criar a sua única filha. Com a morte do “provedor” financeiro (o marido), as duas passam a viver no cortiço, na cidade do Rio de Janeiro. Ou ainda em “A falência” (publicado pela primeira vez em forma de livro em 1901) em que o tema principal é o adultério feminino numa sociedade patriarcal que enfrentava forte crise econômica.

A contribuição literária da autora supracitada para a literatura brasileira enquanto patrimônio cultural-histórico é indubitável, como asseveram as autoras (Faedrich, 2022; Figueiredo, 2014; Moreira, 2003) dentre outras, as quais argumentam sobre a importância de se revisitar o cânone literário brasileiro, embora seja uma tarefa árdua e desafiadora. Segundo Moreira (2003, p. 18), tal dificuldade de revisionismo do cânone se dá por algumas razões, por exemplo: “dificuldades de acesso aos textos, por falta de reedições e perdas, se, sobretudo, o descrédito de um público habituado a se pautar pelo cânone”.

O romance “A intrusa” foi publicado originalmente em folhetim em 1905 e, em 1908, teve sua primeira edição em livro pela editora Francisco Alves. Ou seja, uma publicação que ocorreu no entresséculo, ao que ficou conhecido como *Belle Époque*. Uma época em que o discurso acerca da “natureza feminina” era impositivo e coercivo, o qual se impôs, a partir do século XVII, sobretudo na Europa, à sociedade burguesa, a qual tomava a mulher como bondosa, quando essa se comportava de maneira maternal e delicada; porém, quando contrariava tais características, por exemplo, ao desejar estudar e/ou ler livros, era concebida como potência do mal, isto é, aquela que tentava usurpar um lugar não seu.

Neste romance, acompanhamos a história da protagonista Alice Galba: uma jovem “invisível, branca, órfã, que havia ficado pobre, mas que era bem-educada e tinha muitas virtudes e habilidades. Alice aceita, após ler o anúncio em um jornal, trabalhar na casa de o senhor Dr. Argemiro, homem maduro, branco, rico, que, em virtude da morte de sua esposa, precisa de uma preceptora/governanta para cuidar de sua casa, da filha e dos empregados. Aqui percebemos que a “invisibilidade” de Alice não é apenas dela, mas de todas as mulheres que só são percebidas e “reconhecidas” por suas prendas e habilidades domésticas, aliás, pelo bom desempenho delas. Contudo, Argemiro se apaixona por Alice primeiro, porque ela é uma excelente governanta, dona de casa, que se preocupava com o seu bem-estar, mestra de

sua filha, uma mulher com atributos domésticos considerados extremamente valiosos; mas que também é letrada, culta e instruída, como se pode ler no excerto abaixo, com ênfase adicionada:

Hontem á noite recebi uma *caderneta com a nota das despezas* do mez e... pasma, saldo a meu favor! *está tudo luminoso, tudo límpido, tudo bem arranjadinho...* hein? Ha outra atmospherá nesta casa; estou melhor aqui do que em parte nenhuma, porque em tudo me parece haver o propósito de *me ser agradável*. Abre essa gaveta, e verás como está bem *arranjadinha a minha roupa branca*. Um primor! E o que me dilicía, é sentir a *alma d'esta creatura*, que aqui tenho embaixo do meu tecto, sem que nunca os meus olhos a vejam nem dê relance... *Ella esconde-se, ao mesmo tempo que se espalha pela casa toda*. E' a mulher-violeta, positivamente, não ha outra comparação! (Almeida, 1908, p. 99)

### 3. Das variantes em “A intrusa”

Segundo Blecua (1983, p. 20), as variantes podem ser de: adição, omissão (de palavras, trechos, parágrafos), alteração de ordem e substituição. Entretanto, como o referido autor debruça-se principalmente na poesia, observando a ocorrência de variantes num nível de fonema, da palavra, do verso e, finalmente, da estrofe; por isso, adaptamos tais categorias a realidade do nosso trabalho, além de acrescentar as propostas por Souza (2017), notadamente: junção, separação e reelaboração. Para esse texto, traremos apenas algumas dessas variantes com demonstrações de lições dos testemunhos.

Durante o nosso cotejo foi verificado que a variante *adição* (Blecua, 1983) ocorre com a inserção de novos elementos, como: artigos, pronomes, verbos, conjunções, pontuação (vírgulas, travessão, aspas). Alguns casos:

Tabela 1: Casos de adição no testemunho B.

	<b>Testemunho A</b>	<b>Testemunho B</b>
I	[...] cama feita pela sua <i>menagère</i> e padre Assumpção afirmou [...]	[...] cama feita pela sua <i>menagère</i> e <b>o</b> padre Assumpção afirmou [...] (cap. I)
ii	– Vaes rir...	– <b>Vais-te</b> rir... (cap. I)
iii	– Tenho certeza.	– Tenho <b>a</b> certeza. (cap. IV)
iv	[...] Aquella metamorphose era, pois, toda, obra da moça, que parecia acolher a companhia da criança como um presente [...]	[...] Aquella metamorfose era, pois, <b>tôda, a</b> obra da moça, que parecia acolher a companhia da criança, como um presente [...] (cap. VIII)
V	[...] Para ter certeza [...]	[...] Para ter <b>a</b> certeza [...] (cap. XIX)

Fonte: A autora.

Tabela 2: Casos de adição no testemunho C.

	<b>Testemunho A</b>	<b>Testemunho C</b>
i	[...] que tua avó deve estar impaciente!	[...] que <b>a</b> tua avó deve estar impaciente! (cap. VIII)

ii	- Sózinhas? E papae?	- Sozinhas? E o papai? (cap. IX)
iii	A baroneza, em tom queixoso:	A baronesa <b>disse</b> , em tom queixoso: (cap. XIV)

Fonte: A autora.

Como podemos observar nos exemplos acima, a inserção de artigos definidos é bem recorrente, possivelmente, para especificar e particularizar seus substantivos aos quais se referem. Também se tem o acréscimo do verbo dizer “disse” no exemplo iii da tabela 2, certamente para deixar a frase mais em tom de diálogo e o período mais coeso, ainda que o uso dos dois-pontos cumpra, em boa medida, a mesma função, nesse caso, do verbo no pretérito perfeito do indicativo “disse”.

Em nosso trabalho, a omissão acontece quando uma palavra, uma frase e, por vezes, um parágrafo é retirado, sem que essa ação esteja relacionada, necessariamente, a um outro elemento igual ou semelhante na obra.

Tabela 3: Casos de omissão no testemunho B.

	<b>Testemunho A</b>	<b>Testemunho B</b>
i	[...] e entrou num prédio côr de milho <b>secco</b> , [...] (cap. II)	[...] e entrou num prédio côr de milho, [...] (cap. II)
ii	Todavia, desejava, repito, que <b>a senhora</b> me desse algumas informações a seu respeito. (cap. II)	Todavia, desejava, repito, que me desse algumas informações a seu respeito. (cap. II)
iii	Tentou falar, ella cobriu-lhe as barbas e <b>a bocca</b> de beijos. (cap. III)	Tentou falar, ela cobriu-lhe as barbas de beijos. (cap. III)
iv	Razão tinham aquellas paredes para parecerem desgostosas e estarem enxovalhadas. <b>Só a torpeza que rolava entre ellas!</b> (cap. V)	Razão tinham aquelas paredes para parecerem desgostosas e estarem enxovalhadas. (cap. V)

Fonte: A autora.

Na tabela 3, tem-se casos de omissão tanto de palavras, geralmente, quando se trata de adjetivo, substantivos, pronomes, como em i: “côr de milho **secco**” para “cor de milho”. Também há casos de variantes de omissão de frases e/ou trechos, como no exemplo iv da tabela 3 “**Só a torpeza que rolava entre ellas!**”; algo que acontece nos testemunhos C e D também. Ou seja, temos aqui omissão de uma explicação, descrição do narrador acerca do ambiente da narrativa.

De acordo com Souza (2017, p. 64), a diferenciação entre a reelaboração e a substituição advém do tipo de alteração realizada, ou seja, “a reelaboração abrange passagens mais extensas do texto e incide sobre o conteúdo de todo o trecho”; por outro lado, “a substituição incide sobre a palavra ou, em poucos casos, segmentos de frase.” Vejamos alguns casos abaixo:

Tabela 7: Casos de substituição no testemunho D.

	<b>Testemunho A</b>	<b>Testemunho D</b>
i	Eu vou <b>almoçar</b> á Tijuca com a minha neta e voltarei às quatro horas para casa. [...] (cap. VI)	Eu vou <b>jantar</b> à Tijuca com a minha neta e voltarei às quatro horas para casa. [...] (cap. VI)
ii	Viuvo ha <b>sete</b> annos... (cap. I)	Viúvo, há <b>nove</b> annos... (cap. I)

Fonte: A autora.

Tabela 8: Casos de substituição no testemunho C.

	<b>Testemunho A</b>	<b>Testemunho C</b>
i	[...], e que tinha os <b>artelhos</b> finos. (cap. II)	[...], e que tinha os <b>tornozelos</b> finos. (cap. II)
ii	e que te despertaram tão bons <b>desejos</b> (cap. VIII)	e que te despertaram tão bons <b>sentimentos</b> (cap. VIII)
iii	Como <b>faltasse</b> o pianista (cap. XI)	Como <b>tardasse</b> o pianista (cap. XI)

Fonte: A autora.

A reelaboração é um tipo de variante que pode ser definida como a prática de adaptar e/ou atualizar trechos, partes, parágrafos do texto original, num âmbito estilístico ou linguístico. Essa reescrita de partes de uma obra, de um romance, é feita sem levar em consideração a *editio princeps*, de modo que podem conservar ou não o conteúdo da obra original. Até o momento, observamos que apenas o testemunho D apresenta esse tipo de variante, demonstrando, portanto, certa tendência em reestruturar e atualizar em demasia para os nossos dias o romance “A intrusa”, de Júlia Lopes de Almeida.

Tabela 11: Casos de reelaboração de parágrafo no testemunho D.

<b>Testemunho A</b>	<b>Testemunho D</b>
Mal ella chegava á porta do fundo, quando appareceu um negro, muito empertigado, com um arzinho desdenhoso e enfiado num dolman branco de impeccavel alvura. (cap. II)	Mal ela chagava à porta do fundo, quando appareceu um negro[,] muito empertigado, com um arzinho desdenhoso, [e] enfiado num <b>casaco</b> branco de impeccavel alvura e <b>gola levantada, ajustada à cintura, e abotoado de cima a baixo, até os joelhos.</b> (cap. II).

Fonte: A autora.

Aqui fica evidente que os editores e preparadores desta edição da editora Pedrazul quiseram alterar deliberadamente o trecho supracitado, isto é, têm-se mudanças não autorais voluntárias, em que a editora modifica conscientemente partes do parágrafo, alterando, assim, o texto da autora sem o seu consentimento: acrescentando descrições sobre um personagem que não existe no texto original de Júlia Lopes, como pode ser visto em destaque negrito do excerto citado. Sobre isso é importante salientar que, em se tratando de obras que estão em domínio público, tal prática é bem recorrente, haja vista que o autor/a já morreu e, portanto, não pode, obviamente, questionar tal edição.

#### 4. Considerações finais

Esse acervo de informações sobre os tipos de variantes mostra a importância e contribuição da Crítica Textual para os estudos de textos, sobretudo, do texto literário, pois pode assegurar que se faça uma análise crítica, tendo como base um testemunho que efetivamente reproduz a forma do texto que o autor lhe deu, ou seja, sua forma genuína. A confiabilidade, portanto, de uma crítica literária, por exemplo, está na escolha de uma edição de texto confiável e feita com acuidade.

Assim, em nossa pesquisa, temos observado que a Crítica Textual contribui para se perscrutar o caminho feito pelo texto literário cuja finalidade principal é a de apresentar uma edição que seja consoante a obra original (ou o mais próximo possível), isso porque entendemos que todo texto sofre algum tipo de modificação ao longo de seu processo de transmissão, isto é, a cada cópia, a cada nova tiragem, impressão, seja conscientemente ou não por parte do editor, do preparador do texto, diferenças podem surgir, diferenças essas que podem ser da máquina de impressão, por exemplo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Julia Lopes de. *A intrusa*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, Editor, 1908.

\_\_\_\_\_. *A intrusa*. Lisboa, Portugal: Livraria Simões Lopes, Domingos Barreira (editor), 1935.

\_\_\_\_\_. *A intrusa*. Domingos Martins-ES: Pedrazul, 2016.

\_\_\_\_\_. *Memórias de Marta*. Pesquisa, organização, cronologia e introdução de Rosane Saint-Denis Salomoni; orelhas de Eliane Campelo. Florianópolis: Mulheres, 2007.

\_\_\_\_\_. *A família Medeiros*. Rio de Janeiro: Companhia editora Fluminense, 1892.

\_\_\_\_\_. *A fallencia*. Rio de Janeiro: Typ. A Tribuna, 1902.

BLECUA, Alberto. *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia, 1983.

CAMBRAIA, César. Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DE LUCA, Leonora. O “feminismo possível” de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). *Cadernos Pagu*, n. 12, p. 275-99, Campinas-SP, 1999. Dispo-

nível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634918>. Acesso em: 20 jul 2024.

FAEDRICH, Ana. *Escritoras silenciadas: Narcisa Amália, Júlia Lopes de Almeida, Albertina Bertha e as adversidades da escrita literária de mulheres*. Rio de Janeiro: Macabéa, 2022.

FIGUEIREDO, Viviane Arena. *Resgatando a memória literária: uma edição crítica de Ânasia eterna de Júlia Lopes de Almeida*. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Niterói-RJ, 2014. 512p. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/10917>. Acesso em: 07 jul 2023.

LOBO, Luiza. 2006. *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2006.

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. *A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin*. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2003.

MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. *Anuário de Literatura*, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 85-93, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/5277>. Acesso em: 28 out 2024.

SOUZA, Luana Batista de. *Era uma febre, era um delírio: edição crítica de O Seminarista, de Bernardo Guimarães*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2017. 280p. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-10112017-114511/publico/2017\\_LuanaBatistaDeSouza\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-10112017-114511/publico/2017_LuanaBatistaDeSouza_VCorr.pdf). Acesso em: 14 out 2025.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.